

Projeto Braxcel

Indústria brasileira de celulose recebe investimentos de entrante que projeta fábrica com capacidade para 1,5 milhão de toneladas/ano da commodity na próxima década

A crescente demanda mundial por celulose, com destaque para o vertiginoso aumento do consumo asiático, abriu portas para mais um player brasileiro. No final de março último, a Braxcel – Companhia Brasileira de Celulose apresentou-se ao setor como entrante de uma indústria que fortalece cada vez mais suas bases no País.

O responsável pelo projeto, que prevê a construção de uma fábrica com capacidade inicial de 1,5 milhão de toneladas/ano de celulose, no município de Peixe (TO), é o Grupo GMR (**Veja no Box 1 a estrutura do Grupo e o time de executivos**). A empresa brasileira tem forte presença nos setores de geração de energia renovável e incorporação/construção imobiliária no mercado latino-americano (Brasil, Chile, Peru e Panamá). Nos últimos sete anos, passou a expandir suas atividades ao setor florestal, fato que resultou no interesse pela produção de principal matéria-prima do papel.

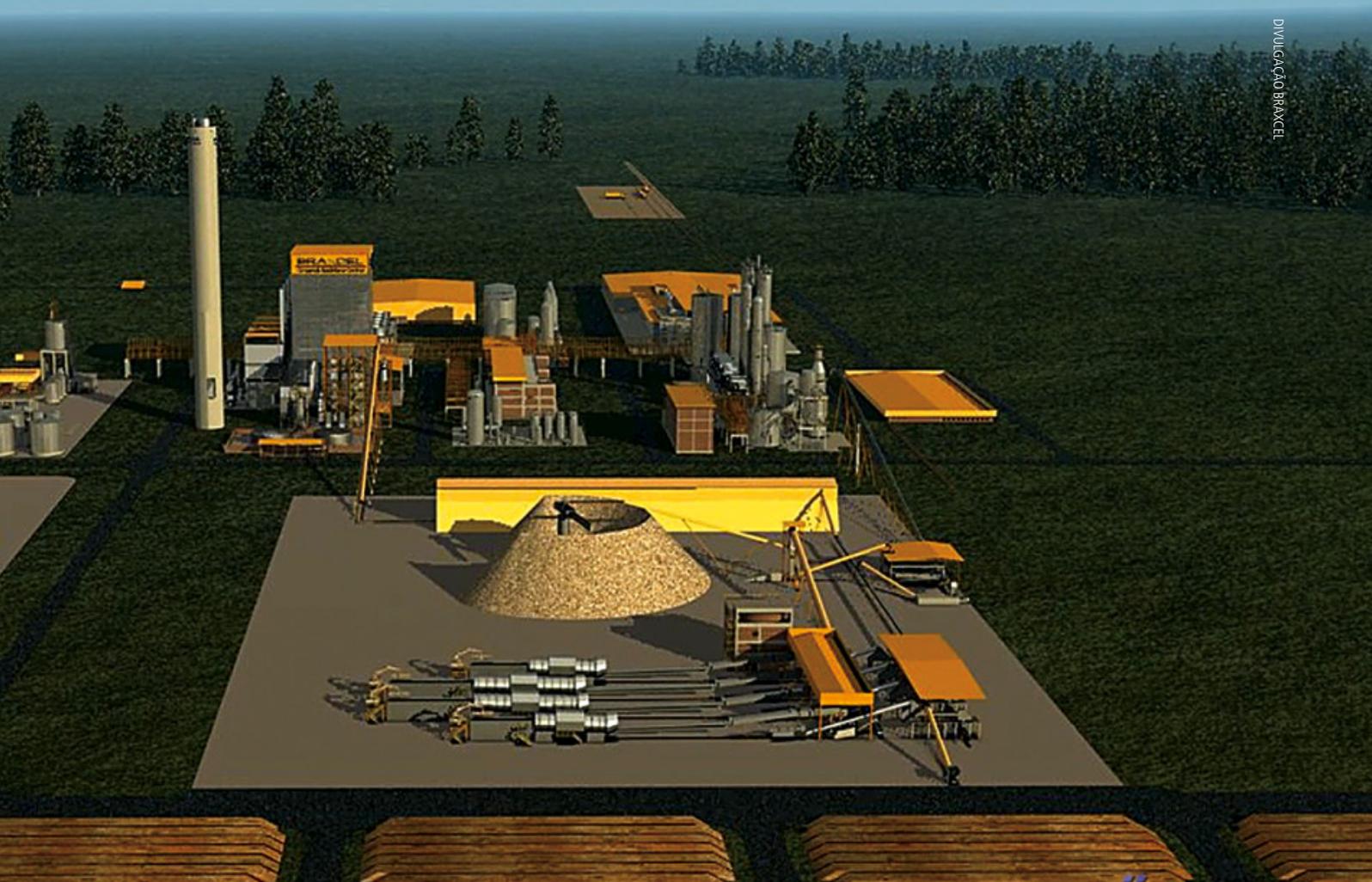
Segundo detalha Mauro Cerchiari, diretor executivo da Braxcel, tudo começou com investimentos em florestas no sul do Tocantins. A partir do plantio florestal nas cidades de Peixe, Gurupi e São Valério, entre ou-



tras, o Grupo GMR passou a estudar a destinação mais apropriada para toda aquela madeira. “Entre os diversos segmentos averiguados, o de celulose se destacou como o mais vantajoso, tendo-se em vista a potencialidade do Brasil como fornecedor da commodity”, conta.

Guilherme Sahade, presidente do Grupo GMR, afirma que a decisão de atuar em três setores distintos faz parte da estratégia de perpetuidade da companhia. “Quando um dos segmentos passar por eventuais oscilações econômicas, os outros serão capazes de balanceá-lo e dar segurança aos negócios da companhia como um todo”, justifica.

Convicto, Sahade descreve os conceitos que tinha sobre a indústria de celulose antes de se apresentar como novato no ramo: “Não tivemos grandes surpresas; sempre vimos o Brasil se destacando entre os grandes fornecedores mundiais de celulose. Além disso, o momento atual é propício para investimentos na área. Não existem projetos anunciados a partir de 2020, quando a Braxcel entrará em operação, e o consumo de celulose de fibra curta demandará um acréscimo médio anual de 1 milhão de toneladas”.



Focando na fase embrionária do projeto, Cerchiar revela que a Pöyry Tecnologia foi contratada para realizar todos os estudos de viabilidade econômica e de engenharia conceitual, além de ser responsável pela escolha da área para implantação da fábrica, que soma mil hectares.

Recentemente, os resultados do Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima) foram apresentados numa audiência pública realizada em Peixe, que foi o marco da etapa final do processo de licenciamento ambiental industrial. Trata-se de um rito obrigatório pelo qual a empresa leva ao conhecimento público regional todos os aspectos técnicos e socioambientais de seu projeto industrial.

Entre os principais benefícios do empreendimento para a região, Kleib Henrique Fadel, coordenador de Estudos de Meio Ambiente e Sustentabilidade da Pöyry, destaca novas oportunidades de trabalho (no pico da obra, deverão ser gerados mais de 7 mil postos), potencialização do setor terciário, significativa arrecadação de impostos, crescimento da renda *per capita* e melhoria na qualidade de vida da população. "O projeto

contribuirá para que Peixe se torne um município exportador, promovendo o desenvolvimento da economia e da infraestrutura da cidade e seu entorno", acrescenta.

O início das obras do parque fabril está marcado para o primeiro semestre de 2015, e o start-up da fábrica deve acontecer no último trimestre de 2018. A unidade industrial, garante Fadel, contará com as mais avançadas tecnologias disponíveis e as melhores práticas de

"O paradigma de o setor de celulose ser fechado se desfaz quando a empresa entra em cena com os pés no chão e todas as bases bem firmadas", afirma Guilherme Sahade, presidente do Grupo GMR

SÉRGIO BRITO



SÉRGIO BRITO



Cerchiari: “O Brasil faz parte da agenda dos negócios que envolvem celulose, papel e demais produtos florestais. A participação estrangeira por aqui só tende a crescer”

gerenciamento ambiental. “Será um parque industrial em estado da arte”, completa Cerchiari. **(Conheça os detalhes tecnológicos no Box 2)**

Segundo o diretor executivo da Braxcel, o próximo passo da equipe será a estruturação da engenharia básica, fase em que serão definidos detalhes como a escolha dos equipamentos. “Mas, por enquanto, ainda é cedo para elencar os fornecedores a serem contratados”, pondera, indicando apenas que os equipamentos e as tecnologias adotadas permitirão os melhores rendimentos, com maior qualidade do produto, baixos custos de produção e mínimo impacto ambiental.

O que Cerchiari também revela no momento é que o programa de crescimento da empresa inclui duas linhas de produção. “A Braxcel está sendo dimensionada para

ter, pelo menos, duas linhas com capacidade de 1,5 milhão de toneladas anuais. Contudo, nosso primeiro foco é materializar a primeira delas.”

Os planos para essa linha de produção inicial incluem um consumo específico de madeira de 4,2 m³ c.c./ADtB e 3,7 m³ s.c./ADtB. Já o consumo específico de água será, em média, de 29 m³/ADtB. Partindo para a geração de energia vinda das duas turbinas previstas, o valor esperado é de 250 MW/h, sendo que 120 MW/h deverão ser consumidos pela própria fábrica e os 130 MW/h restantes disponibilizados na rede.

Uma nova fronteira para o agronegócio brasileiro

Encabeçando a instalação da primeira planta de celulose no Estado do Tocantins, a Braxcel planeja usar o modal ferroviário para escoar sua produção. “Nosso polígono de ação é muito próximo à ferrovia Norte–Sul”, contextualiza Cerchiari sobre a distância de 58 km entre a fábrica e a ferrovia. “É uma opção que já está pronta e será usada para levar a celulose até o porto de Itaqui, no Maranhão”, completa, ressaltando a importância da questão logística envolvida no projeto.

Cerchiari informa ainda que a Vale tem um projeto de construir um porto no Maranhão que pode se transformar no terminal para o escoamento da celulose produzida pela Braxcel. “Já iniciamos os diálogos e chegamos a alguns entendimentos. O arcabouço tarifário, por exemplo, está sendo desenhado”, adianta ele sobre a parceria.

Mais adiante, a ferrovia Oeste–Leste, que está sendo construída atualmente e sairá de Ilhéus, pode ser mais uma opção para a Braxcel escoar sua produção, já que estará localizada a apenas 1 km da fábrica. “Num futuro de mais longo prazo, também poderemos usar o modal hidroviário, pois, à medida que o Estado se industrializa, potencializa o interesse coletivo em investir nas eclusas da hidrovía Tocantins–Araguaia”, conta o diretor executivo. “São possibilidades logísticas que vão se tornando realidade a partir do desenvolvimento da região”, completa.

Na visão de Cerchiari, Tocantins soma outras vantagens que podem ser consideradas como fatores favoráveis à entrada no segmento de celulose. A vasta extensão de terras e o competitivo custo de aquisição são citados entre as razões que levaram o Grupo GMR a investir no Estado.

De acordo com o diretor florestal da GMR Florestal, Manoel de Freitas, o projeto que visa dobrar os atuais 7 milhões de hectares de florestas plan-

Freitas informa que o projeto florestal da Braxcel concebe a criação de uma base florestal de 180 mil hectares

SÉRGIO BRITO



tadas existentes no Brasil num prazo de dez anos contribuiu para que os Estados do Maranhão, Piauí e Tocantins ganhassem espaço no planejamento de players do setor florestal.

“As demais regiões brasileiras já estão saturadas. A expressão *Mapito* vem da disponibilidade encontrada nesses três Estados, que caracterizam a nova fronteira do agronegócio brasileiro”, explica Freitas. O diretor florestal ressalta que a região sul do Tocantins apresenta áreas de boa qualidade para a silvicultura e desponta como a mais favorável em termos de pluviosidade, temperatura, altitude e infraestrutura, aliando pontos positivos à plantação de eucalipto e justificando a escolha do Grupo GMR.

“Quando se trata de celulose de mercado, é preciso verificar se as florestas plantadas estão dentro de um raio econômico em relação à fábrica. É justamente isso que encontramos no município de Peixe e seus arredores”, lembra o diretor executivo Mauro Cerchiari. Freitas informa que o projeto florestal da Braxcel concebe a criação de uma base florestal de 180 mil hectares de plantio, dos quais 90 mil de florestas próprias e 90 mil de terceiros. “Atualmente, as florestas de terceiros chegam a aproximadamente 20 mil hectares em um raio de 200 km da Braxcel”, revela ele sobre o *status*.



A parte que cabe à própria empresa, por sua vez, já alcançou 4 mil hectares de plantios experimentais de pesquisa e desenvolvimento. Para chegar a esse total de hectares que o Grupo reúne entre plantio próprio e de terceiros – e que vem expandindo progressivamente –, o diretor florestal conta que uma grande pesquisa foi desenvolvida. “Pegamos um raio de 150 km da Braxcel, ou seja, uma área equivalen-

Apesar de o Grupo GMR não estabelecer o BNDES como única opção de aporte de capital, o diretor financeiro reconhece a importância de conquistar o apoio do banco estatal

OS NEGÓCIOS E OS EXECUTIVOS DO GRUPO GMR

As atividades mais recentes do Grupo GMR ficam sob responsabilidade da GMR Florestal, que cultiva florestas no sul do Tocantins desde 2007. A companhia recém-ingressa no setor de celulose, no entanto, atua há mais de 35 anos no mercado imobiliário por meio da GMR Empreendimentos, incorporando e construindo empreendimentos imobiliários, residenciais e comerciais em diversas cidades do Brasil.

No setor de energia elétrica, a companhia atua por meio da GMR Energia e se destaca como uma das pioneiras no desenvolvimento e na operação de unidades geradoras de energia limpa a partir de Pequenas Centrais Hidroelétricas (PCH) e parques eólicos. Atualmente, as gerações renováveis se espalham por diversos Estados brasileiros e por outros países da América Latina, a exemplo de Chile, Peru e Panamá.

Guilherme Sahade é o acionista fundador da GMR Empreendimentos, da GMR Florestal e da GMR Energia. Formado em Direito pela Universidade Mackenzie com extensão em Direito na Universidade de Cambridge (Reino Unido) e pós-graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o executivo também desempenha a função de presidente da Associação dos Reflorestadores do Tocantins (Aretins).

Para comandar a GMR Florestal, o nome escolhido por Sahade foi Manoel de Freitas, cujo currículo soma mais de 30 anos na International Paper e inclui o cargo de vice-presidente florestal e executivo da companhia. Freitas é formado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Paraná e em Administração de Empresas pela PUC Campinas, além de ser pós-graduado em Administração Ambiental pela FMU.

A vasta experiência também traduz a carreira de Mauro Cerchiari, nomeado por Sahade como diretor executivo da Braxcel. Formado em Economia na FEA-USP com pós-graduação em Economia pela Columbia University – NY, Cerchiari atuou como vice-presidente de Negócios da International Paper, como presidente da Brasil Eco Diesel e também como vice-presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa).

Para a área financeira da Braxcel, Sahade recorreu a Claudio Ribeiro, formado em Direito pela Faculdade de São Bernardo do Campo, graduado em Economia pela FEA-USP e com MBA em Finanças pela FEA-USP. Ribeiro atuou como executivo do Unibanco, ABN-AMRO e ABC Brasil.

te a um quadrilátero de 200 km de comprimento por 100 km de altura e distribuímos cerca de 100 materiais genéticos de eucalipto em mais de 20 campos experimentais diferentes. Contemplamos todos esses tipos de solo para desvendar quais eram os materiais genéticos mais apropriados”, recorda ele sobre a fase inicial do plantio, há cinco anos.

Partindo para os dias atuais, Freitas diz que o próximo passo será deslançar o programa florestal. “Já temos 100 mil hectares comprados e titulados. Contudo, as terras estão passando por georreferenciamento, a fim de se adequarem às regras estabelecidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Depois desse processo, que está chegando ao fim, plantaremos cerca de 12.500 hectares por ano para atingir nosso objetivo final de 90 mil hectares até 2017”, prospecta.

A outra metade de hectares, que ficará a cargo de terceiros, também receberá atenção de perto com o desenrolar do projeto florestal. Conforme esclarece Freitas, serão estabelecidas parcerias florestais nas quais o Grupo GMR Florestal dará diretrizes sobre o material gené-

tico a plantar e o método de manejo florestal a adotar. “Em parcerias como essa, a empresa é responsável por determinar esses detalhes”, contextualiza.

Ainda de acordo com o diretor da GMR Florestal, a mão de obra usada para o plantio das florestas que alimentarão a fábrica da Braxcel virá toda da região. Freitas destaca a atuação social do empreendimento no município de Peixe e arredores. “Todos os funcionários contratados até hoje, sem exceção, são da região. Assim continuaremos ao longo de todo o projeto, contratando e capacitando profissionais do Tocantins”, diz ele sobre o planejamento.

Novo acionista pode ingressar na Braxcel

O projeto industrial da Braxcel está estimado em R\$ 4,2 bilhões, enquanto o orçamento do projeto florestal (que inclui o plantio de 50% de florestas próprias) é de aproximadamente R\$ 650 milhões. “Isso significa que o projeto total atinge cerca de R\$ 5 bilhões a serem executados até 2018”, enfatiza Claudio Ribeiro, diretor financeiro da Braxcel.

TECNOLOGIAS EM ESTADO DA ARTE

Seguindo os padrões de última geração dos parques fabris da indústria de celulose, o projeto da Braxcel irá incorporar uma série de pontos de alta tecnologia em seu processo de fabricação, que visam tanto à melhoria do processo produtivo como à redução das emissões de gases para o meio ambiente:

- descascamento por via seca ao invés de úmida, para redução da carga poluidora dos efluentes líquidos desta operação;
- digestor contínuo no cozimento no lugar de digestores descontínuos, de modo a minimizar a geração de condensados, da carga orgânica no efluente e da emissão de enxofre para a atmosfera;
- unidade de pré-branqueamento que consistirá na deslignificação com oxigênio visando a uma redução substancial da geração de carga orgânica e cor no efluente;
- caldeira de biomassa tendo como uma das funções a queima das cascas e galhos de eucalipto, o que melhora a eficiência térmica do processo como um todo e reduz a geração de resíduos sólidos da área de descascamento e florestas;
- equipamentos de controle de emissões atmosféricas, como precipitadores eletrostáticos, com a finalidade de eliminar ou minimizar as emissões;
- sistemas de coleta e queima de gases não condensáveis concentrados e diluídos (GNCC e GNCD);
- sistema de monitoramento online das principais fontes de emissões atmosféricas;
- sistema de tratamento e controle de efluentes líquidos de alta eficiência do tipo lodos ativados;
- sistemas de tratamento e disposição final de resíduos sólidos industriais, tais como compostagem e aterros industriais.

De acordo com o executivo, o aporte de capital será de fontes variadas: uma parte virá da própria companhia e a outra poderá ser proveniente do mercado asiático. “Temos um mandato com um grande banco que está atuando conosco nas negociações com dois grupos estrangeiros interessados em ingressar no capital da Braxcel”, adianta Ribeiro.

A estratégia por trás dessa parceria, segundo Ribeiro, é o retorno do capital empregado. Mais do que isso, Ribeiro salienta que o know how de mercado e tecnológico que o acionista estrangeiro trará à Braxcel também será bem-vindo. “Mas os benefícios são uma via de mão dupla”, garante. “Sob o prisma dos grupos chineses, a questão estratégia certamente gira em torno da garantia de fornecimento de celulose em longo prazo. O Brasil tem um diferencial competitivo bastante interessante para a China”, pontua o diretor financeiro da Braxcel.

Cerchiari frisa que, hoje em dia, o Brasil é responsável por uma concentração de grandes fornecedores de celulose ao redor do mundo, o que fortalece a atratividade não só entre os players asiáticos, mas também entre os europeus, os norte-americanos e os latino-americanos. “Os participantes dessa cadeia não podem deixar de olhar o Brasil como um polo de fornecimento mundial de fibra curta. Não à toa, já temos chilenos e japoneses investindo aqui”, ressalta o executivo – e isso só tende a crescer, acredita Cerchiari, pois o Brasil faz parte da agenda dos negócios que envolvem celulose, papel e demais produtos florestais.

A despeito dos inúmeros fatores positivos que amadureceram e deram base para o surgimento da Braxcel, os executivos da empresa são cautelosos na análise dos riscos envolvidos no projeto. O primeiro refere-se ao câmbio. “Trataremos de um produto comercializado no exterior; portanto, o câmbio é uma variável muito influente sobre o retorno desse investimento”, justifica o diretor financeiro. As expectativas de Ribeiro, porém, são positivas. “Em médio e longo prazos, o Brasil tende a apresentar uma moeda mais desvalorizada do que a de hoje, até mesmo em função da apreciação de outras moedas, principalmente o dólar”, vislumbra.

Outro risco apontado por Ribeiro diz respeito às fontes de financiamento do projeto. Apesar de o Grupo GMR não estabelecer o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) como única opção de aporte, o diretor financeiro reconhece

a importância de conquistar o apoio da instituição. “Como um agente estatal, o BNDES olha esse sob um ponto de vista macro da competitividade. Nada mais natural do que incentivar a criação de grupos que tenham diferenciais competitivos no mercado externo”, avalia, também com boa perspectiva.

Já o risco de mercado que envolve a entrada no setor de celulose fica por conta do comportamento da economia mundial. Cerchiari cita que, no caso de haver uma recessão mundial que atinja diferentes nações durante anos seguidos ou de a Ásia sofrer uma queda significativa em sua taxa de crescimento, o impacto no consumo da commodity é tido como certo. “Vale lembrar, porém, que os players que apresentam competitividade de custo serão os últimos a sofrerem impactos com as oscilações econômicas”, pondera. Ele acredita que players menos competitivos serão deslocados à medida que novas empresas forem surgindo e se estabelecendo com competitividade de custo, logística e qualidade.

A fim de minimizar todos os riscos que englobam o setor de altos investimentos, o diretor executivo da Braxcel dá enfoque ao momento de entrada no mercado. “É fundamental atentar a dois ciclos: o da compra de equipamentos e o da entrada em operação. Prevemos comprar os grandes equipamentos do parque fabril em 2014 ou 2015, observando como estão as encomendas do setor”, exemplifica, baseado na competitividade de custos.

Sahade, o presidente do Grupo GMR, afirma que a formação de uma equipe de profissionais experientes é o segredo da companhia para se desenvolver nos três segmentos em que atua. “Estar assessorado pelas pessoas certas é o primeiro passo. Depois disso, claro, vem a análise dos riscos pertinentes a cada um dos negócios e, por fim, a necessidade de investimentos e a execução do trabalho”, resume.

Sobre as expectativas e os receios de entrar num setor consolidado e conhecido por muitos como conservador, Sahade diz com tranquilidade: “Os mesmos questionamentos eram feitos quando o Grupo ingressou no setor de energia elétrica, em 2003. Muitos diziam que era um setor de cadeiras já estabelecidas e que não teríamos espaço. No entanto, passados quase dez anos, acabamos nos tornando um respeitável player da América Latina. Esse paradigma de ser um setor fechado se desfaz quando a empresa entra em cena com os pés no chão e com todas as bases bem firmadas”. ■